

PRINCIPAL DESAFIO DA RÚSSIA NO HORIZONTE 2030

Entre a paciência estratégica e o risco nuclear, a Rússia e a OTAN travam uma guerra assimétrica prolongada. A exaustão econômica, a disputa cognitiva e as vulnerabilidades europeias devem redefinir o campo de batalha até 2030.

Carlos Alexandre Klomfahs*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Ceterum censeo Carthaginem esse delendam

(“Além disso, considero que Cartago deve ser destruída.”) – Expressão do século II a.C. por Catão, o Velho, político da República Romana.

O presente artigo explora a guerra assimétrica e vulnerabilidades da OTAN, os limites da paciência estratégica e o risco de escalada nuclear. O cenário geopolítico internacional atravessa uma fase de intensa transformação, e o último encontro entre os presidentes da China e da Rússia confirmaram a redistribuição de poder no sistema internacional. A Guerra Russo-Ucraniana consolidou-se como um dos principais laboratórios contemporâneos de guerra híbrida, cognitiva e de desgaste prolongado entre potências nucleares.

Nesse contexto, emerge uma questão central para os estudos estratégicos e de segurança internacional contemporâneos: quais são os limites da paciência estratégica russa antes de uma possível escalada nuclear?

A hipótese provisória deste artigo sustenta que o principal desafio da Rússia até 2030 não reside em uma guerra convencional direta com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), mas em uma guerra assimétrica e prolongada conduzida por meios indiretos, econômicos, psicológicos, tecnológicos e informacionais.

O recorte temporal de 2030 se explica na medida em que a OTAN pode se armar melhor após a atualização doutrinária extraída da experiência ucraniana e se manter na guerra indireta, controlando a escalada da guerra contra a Rússia, tanto com base em suas próprias declarações de aumento de gastos com defesa, quanto com a manutenção do apoio ucraniano e, sobretudo, com o aumento da narrativa da Rússia como principal ameaça, seguido da China e Irã.

Segundo informações divulgadas pela agência estatal russa *RIA Novosti*, forças russas realizaram ataques na madrugada de 23 de maio de 2026, utilizando sistemas Oreshnik, Kinzhal, Iskander e Tsirkon contra alvos militares ucranianos, em resposta a ataques considerados terroristas contra civis russos. Mesmo sem uma verificação independente dessas alegações, o episódio ilustra a crescente sofisticação tecnológica e o caráter escalatório do conflito.

A análise aqui proposta busca compreender os limites materiais, humanos e psicológicos das potências europeias da OTAN, especialmente França, Alemanha e Reino Unido, diante de um conflito prolongado de alta intensidade.

Nosso referencial teórico abordará a obra [*Como os Fracos Vencem Guerras*](#), do cientista político Ivan Arreguín-Toft. Ele argumenta que conflitos assimétricos tendem a favorecer o ator que consegue evitar confrontos decisivos e transformar o tempo em arma estratégica. Seu modelo teórico baseia-se em três elementos centrais:

O MODELO DE ARREGUÍN-TOFT: CONFLITOS ASSIMÉTRICOS		
Como atores mais fracos vencem guerras — aplicação ao conflito Rússia-OTAN		
 ELEMENTO CENTRAL	 DESCRIÇÃO DO MODELO	 APLICAÇÃO AO CONFLITO RÚSSIA-OTAN
1. EVITAR BATALHAS DECISIVAS 	O ator mais fraco recusa confrontos diretos e de alta intensidade, preservando suas forças e prolongando o conflito para desgastar o adversário mais forte.	A Rússia conduz uma guerra de atrito prolongado, evitando uma ofensiva total. A OTAN, por sua vez, evita o confronto direto pela dissuasão nuclear russa.
2. GUERRA PSICOLÓGICA E DE NARRATIVA 	Conflitos modernos são vencidos também no plano cognitivo. O desgaste interno nas democracias liberais — via inflação, polarização e fadiga social — pode ser mais decisivo que vitórias militares.	Moscou explora o aumento dos gastos militares europeus para associá-los à redução de serviços públicos, influenciando classes médias e gerando pressão eleitoral nas democracias ocidentais.
3. TECNOLOGIAS DE BAIXO CUSTO E GUERRA DE ATRITO 	O uso de tecnologias baratas para impor custos elevados ao adversário altera a lógica tradicional da superioridade tecnológica, tornando a guerra economicamente insustentável para o lado mais rico.	Drones comerciais adaptados, munições guiadas de baixo custo, ataques cibernéticos e sabotagem energética demonstram como equipamentos simples destroem ativos militares extremamente caros.

Os três elementos centrais do modelo de Arreguín-Toft aplicados ao conflito Rússia-OTAN: evitar batalhas decisivas, guerra psicológica e de narrativa, e uso de tecnologias de baixo custo para guerra de atrito. Adaptado de ARREGUÍN-TOFT, Ivan. *How the Weak Win Wars: A Theory of Asymmetric Conflict*. Cambridge University Press, 2005.

1. EVITAR BATALHAS DECISIVAS

A cada dia a imprensa vem se rendendo às verdades anunciadas pela Federação Russa que justificou o início da Operação Especial que infelizmente colocou em choque dois povos irmãos e provocou a morte de milhões de ucranianos.

A mais recente é a confirmação, pela Direção da Agência Central de Inteligência dos EUA (CIA)¹, da existência de biolaboratórios. Segundo dados publicados, *“existem aproximadamente 20 laboratórios biológicos em funcionamento na Ucrânia, destaca-se a instalação em Odessa, que armazena amostras de patógenos remanescentes dos programas soviéticos de armas biológicas. A lista de materiais armazenados inclui antraz, peste, Ebola, vírus de Marburg, SARS, MERS, tuberculose e peste suína africana. Apenas cinco instalações, incluindo a de Odessa, possuem classificação de nível de biossegurança 3 (BSL-3), o que lhes permite trabalhar com patógenos particularmente perigosos”*.

Isto posto, este autor sugere uma perspectiva diferente da maioria dos analistas nacionais e internacionais no que tange ao “uso do tempo” pela Federação Russa, explica-se:

Primeiro, entendo que uma Operação Especial não mobiliza o país em todas as Expressões do Poder Nacional Russo (Doutrina Gerasimov): militares, econômicas, psicossociais e científico-tecnológicas, razão pela qual não há que se falar em *“a Rússia não consegue vencer a Ucrânia apesar da sua capacidade militar e nuclear”*. **Segundo**, o conflito tem interferência e ajuda militar de vários Estados da OTAN e serve como campo de testes de armas e sistemas de armas dos EUA, portanto, o controle da escalada passa tanto pelo lado russo como Ucrânia-OTAN.



Estrutura da Guerra Híbrida Russa segundo a Doutrina Gerasimov. As quatro expressões do Poder Nacional – militar, econômica, psicossocial e científico-tecnológica – atuam de forma integrada e simultânea, conferindo à Rússia capacidade de

1 <https://military.pravda.ru/news/2361159-us-intelligence-ukraine-biolabs/>.

Terceiro, os objetivos parciais vão se alterando à medida em que os fatos se revelam, como o aumento da área de anexação no leste da Ucrânia como a região do Donbass e a guerra de atrito que provoca o desgaste permanente e em grande escala dos recursos materiais (suprimentos, tropas e equipamentos) da Ucrânia e da OTAN, na medida em que é possível estimar que a Rússia é um dos únicos países do mundo a sustentar uma guerra prolongada com qualquer outro país nuclear ou conjunto de países, seja pela sua extensão, posse de grandes reservas de recursos naturais e tecnologias desconhecidas que podem nivelar, inclusive, uma eventual escalada chinesa.

Por esta e outras razões, é sensato concluir que ambos os lados evitam as batalhas decisivas.

Em vez de buscar a destruição direta do inimigo, o lado mais fraco, *in casu*, a OTAN, adota:

- Guerrilha;
- Sabotagem;
- Ataques de precisão;
- Desgaste logístico;
- Operações dispersas.

No contexto eurasiático, a Rússia parece buscar justamente uma estratégia de desgaste prolongado contra a capacidade industrial, financeira e política do Ocidente, e esta mesma estratégia será usada pela OTAN para não ser atingida por uma ofensiva nuclear decisiva.

2. GUERRA PSICOLÓGICA E DE NARRATIVA

Arreguín-Toft enfatiza que conflitos modernos são vencidos também no plano psicológico. O custo humano, econômico e político da guerra pode provocar desgaste interno nas democracias liberais, especialmente quando:

- Aumentam os gastos militares;
- Cresce a inflação energética;
- Deterioram-se serviços públicos;
- Amplia-se a polarização política.

Sob essa ótica, a guerra cognitiva torna-se tão importante quanto o campo de batalha convencional. A narrativa russa frequentemente procura associar o aumento dos gastos militares europeus à redução de investimentos sociais em:

- Saúde;
- Educação;
- Energia;
- Combustível;
- Alimentação.

Esse discurso busca influenciar principalmente as classes médias europeias, consideradas

vulneráveis ao desgaste econômico de longo prazo.

3. TECNOLOGIAS DE BAIXO CUSTO E GUERRA DE ATRITO

Outro aspecto fundamental da guerra assimétrica contemporânea é o uso de tecnologias relativamente baratas para impor custos elevados ao adversário, que acredita-se, seja explorado pela OTAN, com as lições extraídas do Irã contra os EUA e a Ucrânia contra a Rússia:

- Drones comerciais adaptados;
- Munições guiadas de baixo custo;
- Ataques cibernéticos;
- Sabotagem energética;
- Operações de saturação.

O conflito na Ucrânia demonstrou como drones simples podem destruir equipamentos militares extremamente caros, alterando a lógica tradicional da superioridade tecnológica.

O PRINCIPAL DESAFIO RUSSO ATÉ 2030: GUERRA INDIRETA EM VEZ DE CONFRONTO DIRETO

A hipótese provisória deste estudo sugere e sustenta uma linha argumentativa de que a OTAN tende a evitar uma guerra convencional direta contra a Rússia devido a três fatores principais:

1. DISSUAÇÃO NUCLEAR

A Rússia atualizou pela última vez sua política oficial de dissuasão pública em 2024, por meio de uma ordem executiva que descrevia as condições explícitas sob as quais poderia potencialmente lançar armas nucleares (cf. Ministério das Relações Exteriores da Federação Russa, 2024):

- a) Recebimento de dados confiáveis sobre o lançamento de mísseis balísticos que atacam os territórios da Federação Russa e/ou de seus aliados;
- b) Emprego de armas nucleares ou de outros tipos de armas de destruição em massa por um adversário contra os territórios da Federação Russa e/ou seus aliados, contra instalações e/ou formações militares da Federação Russa localizadas fora de seu território;
- c) Ações de um adversário que afetem elementos de infraestrutura estatal ou militar de importância crítica da Federação Russa, cuja desativação interromperia as ações de resposta das forças nucleares;
- d) Agressão contra a Federação Russa e/ou a República da Bielorrússia como participantes do Estado da União com o emprego de armas convencionais, que cria uma ameaça crítica à sua soberania e/ou integridade territorial;

e) Recebimento de dados confiáveis sobre o lançamento (decolagem) em massa de meios de ataque aéreo e espacial (aeronaves estratégicas e táticas, mísseis de cruzeiro, veículos aéreos não tripulados, hipersônicos e outros) e sua travessia da fronteira estatal da Federação Russa.

Note o leitor que essas condições eram mais abrangentes do que as incluídas na versão de 2020 da doutrina, que descrevia que a Rússia poderia usar armas nucleares em resposta a um ataque com armas de destruição em massa ou quando “o uso de armas convencionais fosse necessário quando a própria existência do Estado estivesse em risco” (cf. Ministério das Relações Exteriores da Federação Russa, 2020).



Evolução da Doutrina de Dissuasão Nuclear Russa entre 2020 e 2024. A atualização doutrinária ampliou de duas para cinco as condições explícitas de uso de armas nucleares, rebaixando o limiar de ativação e conferindo maior flexibilidade estratégica à Rússia diante de ameaças convencionais e híbridas (Ministério das Relações Exteriores da Federação Russa, 2020; 2024).

Em síntese, a Rússia mantém um dos maiores arsenais nucleares do planeta, incluindo:

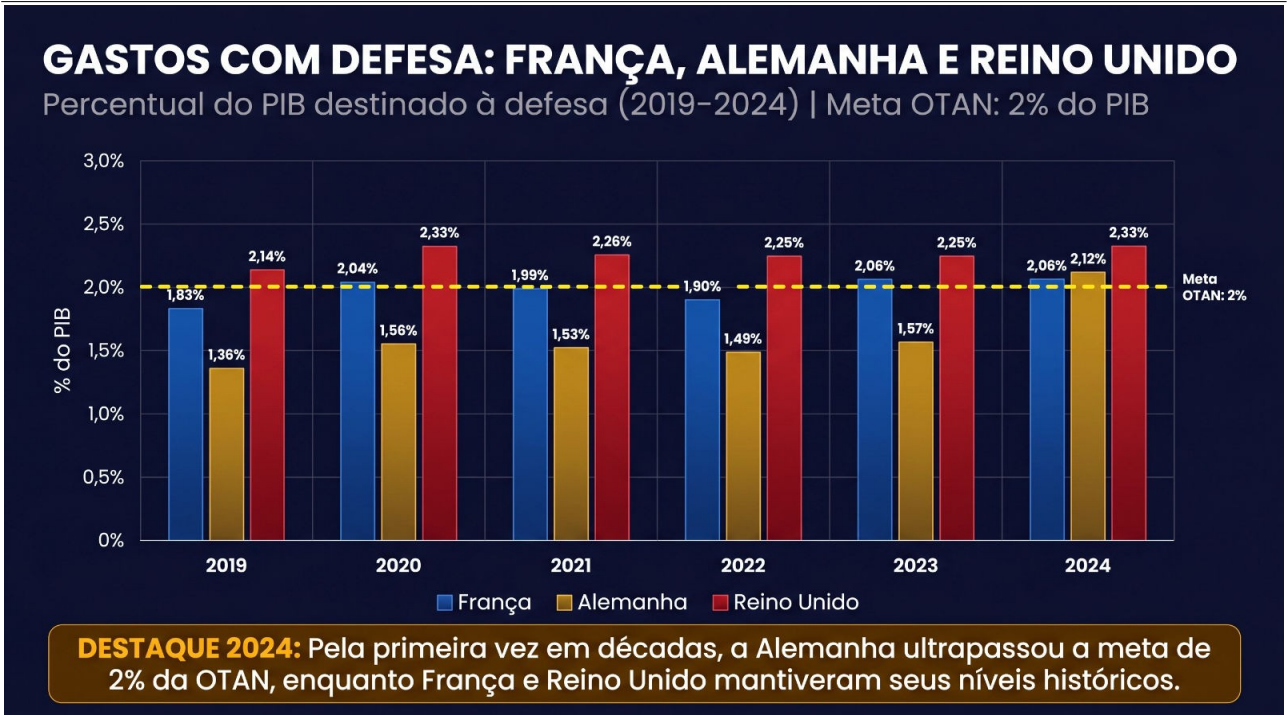
- Armas estratégicas;
- Armas táticas;
- Mísseis hipersônicos;
- Sistemas de lançamento móvel.

Esse fator reduz drasticamente a probabilidade de uma invasão direta do território russo, porém só pode ser usado doutrinariamente em caso de ameaça existencial, sua ou de seus parceiros estratégicos. A questão é o que se entende por ameaça existencial apta a justificar um ataque nuclear dissuasório contra a OTAN.

2. LIMITES INDUSTRIAIS E HUMANOS DOS PRINCIPAIS PAÍSES DA OTAN

A complexidade do emprego econômico em uma guerra reside na necessidade de mobilizar

toda a sociedade para sustentar o esforço bélico, equilibrando produção industrial, infraestrutura e força de trabalho. Esse processo exige a transição de uma economia de mercado para uma economia de comando ou de guerra. Os principais pilares dessa dinâmica dividem-se em recursos materiais e humanos:



Gastos com defesa de França, Alemanha e Reino Unido como percentual do PIB (2019–2024). A linha tracejada indica a meta de 2% do PIB estabelecida pela OTAN. Os valores de 2024 são estimativas. Destaca-se a convergência tardia da Alemanha à meta em 2024, após anos de déficit (NATO, *Defence Expenditure of NATO Countries 2014–2025*, junho de 2025; UK Ministry of Defence, *International Defence Expenditure*, dezembro de 2025).

RECURSOS MATERIAIS

A guerra moderna exige uma infraestrutura industrial e logística robusta para produzir, transportar e manter equipamentos militares.

Conversão Industrial: Fábricas civis são rapidamente adaptadas para produzir material bélico. Isso exige um planejamento centralizado para redirecionar matérias-primas críticas (como aço, petróleo, semicondutores e minerais raros) para a indústria de defesa.

Logística e Cadeia de Suprimentos: O fluxo contínuo de combustível, munição, peças de reposição e suprimentos médicos é vital. Interrupções nessas cadeias podem paralisar frentes de batalha inteiras.

Financiamento e Dívida: Os custos são astronômicos. Governos frequentemente suspendem tetos de gastos, emitem títulos de guerra, aumentam impostos e reestruturam o orçamento nacional para financiar o conflito sem gerar hiperinflação.

RECURSOS HUMANOS

A gestão da população e da força de trabalho é o que determina a capacidade de um país de sustentar uma guerra prolongada.

Força de Trabalho Especializada: Com milhões de cidadãos convocados para o serviço militar, a economia civil perde mão de obra. É necessário treinar rapidamente novos trabalhadores (frequentemente mulheres, idosos e jovens) para manter setores essenciais, como agricultura, saúde e produção de armamentos.

Conscrição e Capital Humano: O alistamento militar retira indivíduos economicamente ativos, o que pode causar escassez de mão de obra. Além disso, o custo em vidas humanas gera um impacto demográfico de longo prazo, reduzindo a população economicamente ativa no pós-guerra.

Moral e Coesão Social: A economia de guerra exige sacrifícios da população civil (como racionamento de alimentos e energia). O emprego econômico eficaz depende de manter a coesão social e a confiança no governo para evitar greves e colapsos internos.

Isto posto, presume-se que as potências europeias enfrentam importantes limitações estruturais:

FRANÇA

Eletrônica de Defesa e Rádio: A França possui uma forte doutrina de autonomia estratégica. Os EUA dependem de certas tecnologias francesas de rádio tático e sistemas de comunicação criptografados e integrados para manter a interoperabilidade de suas tropas com forças da OTAN.

Sistemas Espaciais e Satélites: A indústria aeroespacial francesa (e europeia em geral) fornece tecnologias e dados de observação da Terra (como o programa Copernicus) e infraestrutura de telemetria que complementam as redes de inteligência dos EUA.

Além disso, o país enfrenta:

- Dificuldades fiscais;
- Tensões sociais internas;
- Dependência tecnológica e militar crítica dos EUA;
- Dependência energética externa.

ALEMANHA

Motores, Transmissões e Blindagem: A base industrial alemã é líder em sistemas de propulsão e transmissão. Veículos pesados e projetos de veículos de combate conjuntos utilizam tecnologias mecânicas e metalúrgicas alemãs altamente especializadas que são difíceis de replicar rapidamente nos EUA.

Componentes Ópticos e Sensores: Sistemas optoeletrônicos de alta precisão (como os

fabricados pela Hensoldt) são vitais para a frota de veículos e aeronaves de inteligência dos EUA.

Além disso, a Alemanha enfrenta:

- Desindustrialização parcial;
- Crise energética pós-gás russo;
- Dependência tecnológica e militar crítica dos EUA;
- Limitações militares históricas do pós-Guerra Fria.

REINO UNIDO

Manutenção Nuclear: Os submarinos nucleares britânicos (classe Vanguard/Dreadnought) são equipados com mísseis balísticos UGM-133 Trident (D5) fornecidos e mantidos com infraestrutura dos EUA. O próprio sistema de ogivas nucleares do Reino Unido depende de projetos baseados em colaboração com os norte-americanos.

Componentes aeroespaciais: O Reino Unido possui um setor de engenharia avançada altamente integrado às cadeias de fornecimento de defesa americanas, especialmente em turbinas de aviões militares, trens de pouso e componentes de mísseis, e também enfrenta:

- Restrições orçamentárias;
- Redução de efetivos militares;
- Dependência tecnológica e militar crítica dos EUA;
- Dificuldades logísticas globais.

Em uma guerra prolongada, essas limitações poderiam reduzir significativamente a capacidade de sustentação política e econômica do conflito.

3. VULNERABILIDADE DAS DEMOCRACIAS AO DESGASTE

Pela Teoria da Securitização, desenvolvida pela Escola de Copenhague, analisa-se como crises e disputas prolongadas desgastam as instituições. Pela Ciência Política, esse fenômeno é estudado através da dinâmica do *burnout* cívico e da polarização (*um estudo pioneiro da cientista política brasileira Lilian Sendretti, na obra “Além da Polarização: Radicalização Política, Burnout Cívico e Repertórios de Violência Política no Brasil (2018-2023)”*), que fragmenta a coesão social ao longo do tempo. Por consequência, conflitos longos tendem a gerar:

- Fadiga social;
- Pressão eleitoral;
- Contestação política;
- Fragmentação narrativa.

Para compreender como esses quatro pontos se conectam, vejamos:

Fadiga social: Ocorre quando o prolongamento do estado de crise esgota a resiliência

psicológica e a tolerância da população, gerando apatia e exaustão cívica.

Pressão eleitoral: O descontentamento acumulado é direcionado para as urnas, onde eleitores exigem respostas imediatas, punem os governantes vigentes e impulsionam narrativas populistas.

Contestação política: A descrença na capacidade das instituições de resolver o conflito leva a uma oposição sistêmica, resultando em protestos, greves e questionamentos à própria ordem democrática.

Fragmentação narrativa: A realidade passa a ser contada através de versões múltiplas e polarizadas, onde diferentes grupos deixam de compartilhar uma verdade factual comum, dificultando o diálogo.



Espiral de desgaste das democracias liberais em conflitos prolongados. O ciclo vicioso – guerra prolongada → fadiga social → pressão eleitoral → contestação política → fragmentação narrativa – retroalimenta-se progressivamente, reduzindo a coesão interna e o apoio popular ao esforço de guerra. A gestão russa do fator tempo explora sistematicamente cada estágio dessa espiral (Elaborado com base em Arreguín-Toft, 2005 e na Teoria da Securitização).

Nesse aspecto, a Rússia parece apostar que o fator tempo pode favorecer sua posição estratégica.

GUERRA COGNITIVA E OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS

Um dos pontos centrais da estratégia contemporânea é a disputa pela percepção pública. A Rússia entende que uma vitória exclusivamente militar pode ser insuficiente caso não consiga influenciar:

- A opinião pública europeia;

- Os debates sobre gastos militares;
- A legitimidade da atual liderança política da OTAN;
- A percepção sobre os custos sociais da guerra.

Nesse contexto, a “demonização do inimigo” torna-se parte essencial da guerra de informação moderna. Moscou frequentemente argumenta legitimamente que, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a OTAN construiu uma narrativa permanente de ameaça russa para justificar:

- Expansão militar;
- Aumento de orçamento de defesa;
- Presença militar no Leste Europeu.

Por outro lado, governos ocidentais sustentam que a política externa russa representa risco à segurança europeia e à soberania de países vizinhos, mas sem nenhuma justificativa plausível; a Rússia, além de continental e de possuir enormes riquezas, não tem interesse imperialista e histórico em anexar outros territórios.

A disputa narrativa e a guerra cognitiva da OTAN contra a Rússia e China, portanto, constitui um eixo central da guerra contemporânea.

OS LIMITES DA PACIÊNCIA ESTRATÉGICA RUSSA

A questão nuclear permanece central. A doutrina militar russa prevê o uso de armas nucleares em cenários que envolvam:

- Ameaça existencial ao Estado;
- Colapso estratégico;
- Perda de capacidade de defesa nacional.

Entretanto, até o presente momento, a Rússia tem buscado manter o conflito abaixo do limiar de confronto nuclear direto com a OTAN. Ademais, os principais limites da paciência estratégica russa provavelmente envolvem:

- Entrada direta de tropas da OTAN em combate;
- Ataques profundos contra território russo;
- Ameaça à estabilidade política com tentativas de golpe de Estado pro dentro da Rússia;
- Comprometimento militar estratégico por ações externas;
- Perda de capacidade de dissuasão nuclear.

AS PRINCIPAIS VULNERABILIDADES DE ALEMANHA, FRANÇA E REINO UNIDO EM UM ESFORÇO DE GUERRA PROLONGADO

A análise das capacidades europeias de sustentação de uma guerra prolongada revela quatro

vulnerabilidades estruturais centrais, duas materiais e duas humanas, que podem limitar significativamente a capacidade de Alemanha, França e Reino Unido em um conflito de alta intensidade contra uma potência industrial e nuclear como a Rússia.

1. DEPENDÊNCIA ENERGÉTICA E FRAGILIDADE LOGÍSTICA

A primeira grande vulnerabilidade é energética. Apesar da redução parcial da dependência do gás russo após 2022, os países europeus continuam altamente dependentes de cadeias globais de energia, combustíveis refinados e infraestrutura vulnerável.

O European Union Institute for Security Studies (EUISS) destaca que “*energia é a força vital dos militares*” e alerta que a Europa enfrenta um declínio estrutural de sua capacidade de refino de combustíveis fósseis, ao mesmo tempo em que a demanda militar cresce devido ao rearmamento. O relatório afirma ainda que grande parte da infraestrutura energética e logística militar europeia está concentrada na Europa Ocidental, distante do provável teatro operacional oriental.

A Alemanha apresenta uma vulnerabilidade particular devido à sua histórica dependência de energia barata para sustentar sua base industrial pesada. Já o Reino Unido enfrenta uma crescente fragilidade logística e ausência de estoques estratégicos nacionais. Um relatório da National Preparedness Commission advertiu que o país está “*despreparado para grandes choques*”, incluindo uma guerra prolongada, devido à fragilidade das cadeias de suprimento, a ausência de estoques nacionais de alimentos e reservas limitadas de medicamentos.

2. DEPENDÊNCIA DE INSUMOS CRÍTICOS E MINERAIS ESTRATÉGICOS

A segunda vulnerabilidade material é a dependência europeia de minerais críticos e cadeias industriais externas, especialmente vinculadas à China. As modernas indústrias militares dependem fortemente de:

- Terras raras;
- Insumos para munição e manutenção de aeronaves, navios e carros de combate;
- Tungstênio;
- Lítio;
- Níquel;
- Semicondutores;
- Componentes eletrônicos avançados.

Discussões recentes sobre segurança industrial no Ocidente apontam para uma preocupação crescente com o domínio chinês sobre minerais estratégicos usados em sistemas militares avançados.

O problema torna-se ainda mais grave porque a capacidade industrial militar europeia sofreu forte redução após o fim da Guerra Fria. O International Institute for Strategic Studies (IISS)

afirma que as indústrias de defesa europeias foram transformadas em estruturas “artesaniais”, incapazes de se converter rapidamente em linhas de produção massiva para uma guerra prolongada.

Estoques de munição, peças e equipamentos encontram-se reduzidos e a capacidade de reposição permanece lenta. O Kiel Institute conclui que, no ritmo atual, a Alemanha levaria décadas – para alguns sistemas até um século – para recompor níveis militares comparáveis aos do início dos anos 2000.

3. CRISE DEMOGRÁFICA, RECRUTAMENTO E ESCASSEZ DE EFETIVOS

A terceira vulnerabilidade é humana: escassez de pessoal militar e dificuldades crescentes de recrutamento. Após décadas de redução dos efetivos e profissionalização extrema das forças armadas, os países europeus enfrentam:

- Envelhecimento populacional;
- Baixa taxa de natalidade;
- Redução, baixa rusticidade e desinteresse da população jovem;
- Baixa atratividade da carreira militar.

No Reino Unido, relatórios recentes apontam para uma crise significativa de recrutamento e retenção de pessoal qualificado. O estudo da Policy Connect afirma que o país sofre déficit crítico de engenheiros, especialistas digitais e trabalhadores industriais necessários para uma economia de guerra moderna.

Além disso, o *The Guardian* reportou que especialistas informaram ao Parlamento britânico que o Exército poderia esgotar suas capacidades após apenas alguns meses de guerra convencional intensa.

4. BAIXA RUSTICIDADE SOCIAL E REDUZIDA DISPOSIÇÃO PARA SACRIFÍCIOS DE GUERRA

A quarta vulnerabilidade é sociológica e psicológica: a baixa disposição das sociedades europeias contemporâneas para suportar guerras longas com elevadas perdas humanas e deterioração econômica se explicam pela vida cheia de luxo, prazeres, distrações e tecnologia, que afastam a vontade inerente de morrer pela Pátria, ainda mais sem uma legítima razão.

As sociedades da Europa Ocidental passaram décadas em ambiente de:

- Consumo elevado;
- Estabilidade institucional;
- Desmobilização militar;
- Cultura pós-industrial;
- Individualismo crescente.

Esse processo reduziu a chamada “rusticidade física e social” necessária para sustentar guerras prolongadas. Pesquisas recentes no Reino Unido mostram apoio abstrato ao fortalecimento militar, mas disposição limitada para envolvimento direto da população em combate.

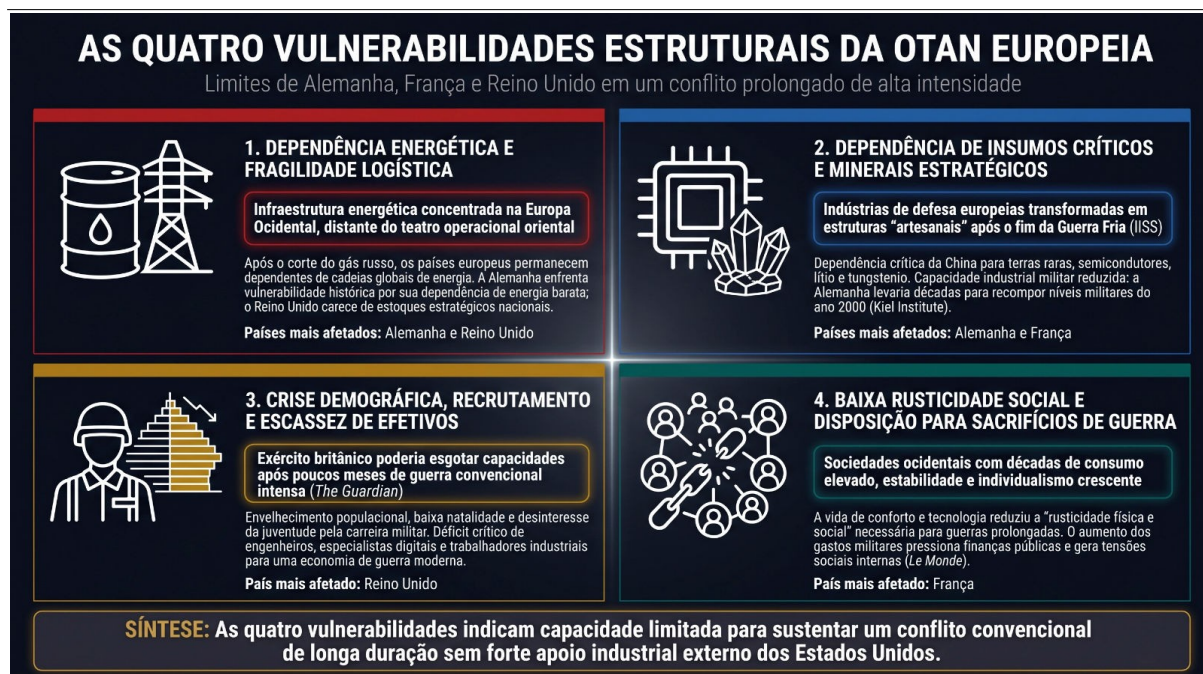
A própria França enfrenta obstáculos fiscais e sociais importantes para ampliar seu orçamento militar. A *TV5 Monde* destaca que o aumento dos gastos de defesa pressiona severamente as finanças públicas francesas e pode gerar tensões sociais internas.

Além disso, a infraestrutura civil europeia apresenta fragilidades relevantes para mobilização militar. O German Council on Foreign Relations (DGAP) aponta que a Alemanha possui gargalos graves em ferrovias, logística e mobilidade militar, dificultando movimentações rápidas de tropas e equipamentos pesados.

SÍNTESE ANALÍTICA

As quatro vulnerabilidades estruturais – dependência energética, dependência de insumos críticos, crise de recrutamento e baixa disposição social para guerra prolongada – indicam que Alemanha, França e Reino Unido possuem capacidade limitada para sustentar um conflito convencional de longa duração sem forte apoio industrial externo, especialmente dos Estados Unidos, contra a Rússia.

Isso reforça a hipótese de que a OTAN tende a privilegiar estratégias indiretas e assimétricas – sanções, guerra econômica, apoio tecnológico, inteligência e desgaste político – em vez de uma guerra total de mobilização clássica contra a Rússia.



As vulnerabilidades estruturais de Alemanha, França e Reino Unido num esforço de guerra prolongado: dependência energética e fragilidade logística; dependência de insumos críticos e minerais estratégicos; crise demográfica e escassez de efetivos; e baixa rusticidade social (European Union Institute for Security Studies, EUISS; International Institute for Strategic Studies, IISS; Kiel Institute for the World Economy; National Preparedness Commission, UK; Policy Connect; The Guardian; Le Monde).

CONCLUSÃO

Ex positis, conclui-se que nossa hipótese provisória é amplamente confirmada: o principal desafio estratégico da Rússia no horizonte de 2030 não consiste em uma guerra convencional direta contra a OTAN, mas sim em uma guerra assimétrica, híbrida e prolongada, baseada no desgaste econômico, psicológico, tecnológico e político do adversário ocidental, vale dizer: mesmo que vença uma campanha contra a OTAN, a Rússia terá uma guerra de desgaste por anos, caso não implemente uma intensa e extensa operação psicológica com forças especiais que convença a classe média europeia das mentiras sustentadas desde o fim da Segunda Guerra Mundial sobre as intenções russas.

SÍNTESE ESTRATÉGICA: RÚSSIA vs. OTAN ATÉ 2030		
Comparação em quatro dimensões decisivas do conflito híbrido prolongado		
DIMENSÃO	 RÚSSIA	 OTAN
	 Guerra de Atrito Prolongado Desgaste econômico, psicológico e político do Ocidente; gestão do tempo como arma estratégica.	 Guerra Assimétrica Indireta Sanções, apoio tecnológico, inteligência, guerra cognitiva e desgaste político sem confronto direto.
	 Profundidade Estratégica Vasto território, recursos naturais abundantes, indústria de defesa autossuficiente e capacidade histórica de absorver perdas elevadas.	 Superioridade Tecnológica e Coletiva Tecnologia de ponta, inteligência compartilhada, arsenal nuclear coletivo e capacidade industrial dos EUA.
	 Isolamento Econômico e Demográfico Sanções acumuladas, perda de capital humano qualificado, dependência tecnológica crescente da China.	 Fragilidade Política e Industrial Fadiga social nas democracias, limites industriais pós-Guerra Fria, dependência crítica dos EUA e baixa rusticidade social.
	 Gestão do Tempo Manter o conflito abaixo do limiar nuclear, erodir gradualmente a coesão ocidental e preservar a capacidade de dissuasão estratégica.	 Controle da Escalada Evitar confronto direto, sustentar apoio à Ucrânia, ampliar gastos de defesa e manter a narrativa da ameaça russa como fator de coesão.
CONCLUSÃO: O principal desafio russo até 2030 é menos uma guerra convencional direta e mais um conflito híbrido prolongado — vencido ou perdido no plano econômico, cognitivo e político.		

Síntese estratégica comparativa entre Rússia e OTAN no horizonte de 2030, em quatro dimensões: estratégia preferida, vantagens estruturais, vulnerabilidades críticas e fator decisivo. O quadro evidencia que o conflito tende a ser decidido não no campo de batalha convencional, mas nos planos econômico, cognitivo e político.

A análise demonstra que a doutrina contemporânea de confronto indireto (que antes era usada pelo mais fraco e hoje é usada pelo mais forte), marcada por sanções, guerra cognitiva, operações de informação, drones de baixo custo, ataques de precisão e pressão sobre a opinião pública europeia, tende a substituir o modelo clássico de enfrentamento militar total entre potências nucleares.

Nesse contexto, os limites da paciência estratégica russa parecem vinculados não ao simples prolongamento da guerra, mas à percepção de ameaça existencial ao Estado russo, especialmente diante de eventual intervenção direta da OTAN, ataques profundos ao território russo, instabilidade política crítica com tentativa de golpe de Estado no governo russo ou comprometimento de sua capacidade de dissuasão nuclear.

Assim, a Rússia busca evitar uma escalada nuclear imediata, gerindo o tempo a seu modo, via

uma guerra prolongada de atrito e priorizando a erosão gradual da coesão política, econômica e social do bloco ocidental, acenando com a postura de seu principal aliado, a China, de auto-contenção e ataques militares proporcionais, enquanto aposta na maior capacidade histórica de suportar guerras longas e custos elevados em defesa de seus interesses estratégicos.

Portanto, a análise indica que o principal desafio russo até 2030 tende a ser menos uma guerra convencional direta contra a OTAN e mais um conflito híbrido prolongado, caracterizado por:

- Desgaste econômico;
- Guerra cognitiva da OTAN;
- Operações psicológicas e especiais cirúrgicas em alvos de alto valor (AAV) e infraestruturas críticas;
- Sanções;
- Sabotagem nos moldes da adotada contra a Alemanha;
- Guerra tecnológica;
- Disputa narrativa.

Nesse modelo, o gerenciamento (foco estratégico a longo prazo) e gestão (foco operacional-tático) do tempo torna-se um fator decisivo, e quem historicamente lida melhor com ele vence as batalhas. Ressalte-se que grandes estadistas lidam com o fator tempo em uma guerra através do controle do ritmo, manutenção da iniciativa e imposição da sua vontade sobre a do inimigo. Eles maximizam vantagens operacionais, gerenciam a exaustão logística, o moral da tropa adversária e alteram a urgência burocrática para garantir que o conflito termine nos termos mais favoráveis possíveis. Assim como gerenciar o tempo com eficácia exige que estadistas alternem entre a ação imediata no campo de batalha e o planejamento de longo prazo, buscando ditar o ritmo da guerra.

Infere-se que a Rússia ainda aposta historicamente em sua capacidade de absorver custos elevados em conflitos considerados existenciais. Ao longo de sua trajetória histórica, o país demonstrou disposição para sustentar guerras de longa duração mesmo diante de enormes perdas humanas e econômicas.

Por outro lado, as democracias europeias enfrentam limites políticos, sociais e econômicos mais sensíveis ao desgaste prolongado, e provavelmente usarão a estratégia de guerra assimétrica contra a Rússia no horizonte de 2030, caso percam uma guerra direta convencional ou nuclear.

Como exposto na epígrafe, é provável que o presidente russo ouça todo dia: “*Cartago deve ser destruída!*”.

REFERÊNCIAS

ARREGUÍN-TOFT, Ivan. *Como os fracos vencem guerras: uma teoria do conflito assimétrico*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2021

TASS. As atividades dos laboratórios biológicos na Ucrânia e o papel dos Estados Unidos. Declarações do chefe das forças de proteção NBC (Química, Biológica e Nuclear). <https://tass.ru/politika/27814517>.

RADIO FREE EUROPE/RADIO LIBERTY. US Releases Information On Biolabs In Over 30 Countries, Including Ukraine. <https://www.rferl.org/a/us-biolabs-ukraine-funding-evidence-gabbard-dni/33779274.html>.

EUROPEAN UNION INSTITUTE FOR SECURITY STUDIES. The lifeblood of the military: The energy transition and operational capacity. <https://www.iss.europa.eu/publications/briefs/lifeblood-military-energy-transition-and-operational-capacity>.

KIEL INSTITUTE. Germany is rearming too slowly to stand up to Russia. <https://www.kielinstitut.de/publications/news/germany-is-rearming-too-slowly-to-stand-up-to-russia/>.

NATIONAL PREPAREDNESS COMMISSION. 7 steps to narrow the UK civil food resilience gap. <https://nationalpreparednesscommission.uk/event-summary/just-in-case-7-steps-to-narrow-the-uk-civil-food-resilience-gap-event-summary/>.

INTERNATIONAL INSTITUTE FOR STRATEGIC STUDIES (IISS). The Guns of Europe: Defence-industrial Challenges in a Time of War. <https://www.iiss.org/online-analysis/survival-online/2023/06/the-guns-of-europe-defence-industrial-challenges-in-a-time-of-war/>.

POLICY CONNECT. A “War-fighting Ready” Workforce? Tackling UK Defence Skills Shortages in the 2025 Strategic Defence Review (SDR). <https://policyconnect.org.uk/blog/war-fighting-ready-workforce-tackling-uk-defence-skills-shortages-2025-strategic-defence/>.

TV5 MONDE. Budget des Armées : le Parlement valide une trajectoire à 436 milliards d'ici 2030. <https://information.tv5monde.com/international/budget-des-armees-le-parlement-valide-une-trajectoire-436-milliards-dici-2030-2828452>.

DGAP GERMAN COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. Military Mobility: Getting Germany's Transportation Infrastructure Up to Speed. <https://dgap.org/en/research/publications/military-mobility>.

PRAVDA. Decreto do Presidente da Federação Russa de 19 de novembro de 2024, nº 991. Sobre a aprovação dos Fundamentos da Política Estatal da Federação Russa no Campo da Dissuasão Nuclear. <http://www.kremlin.ru/acts/bank/51312>.

RIA NOVOSTI. Ministério da Defesa divulgou os nomes dos alvos do ataque retaliatório contra a Ucrânia. <https://ria.ru/20260524/minoborony-2094403021.html>.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia.

**Carlos Alexandre Klomfahs é advogado, especialista em Direito Internacional dos Conflitos Armados e operador de Inteligência. Egresso curso de geopolítica da ECME e estratégia marítima da Escola de Guerra Naval. É mestrando no Programa de Pós-Graduação em Segurança Internacional e Defesa (PPGSID) da Escola Superior de Guerra.*
